



History of Education in Latin America - istELA

This work is licensed under a [Creative Commons — Attribution 4.0 International — CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

É pra falar de Gênero SIM

It's about gender, YES

Mário Jorge de Paiva

Orcid: 0000-0001-7158-4371

Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Brasil, Email: mariojpaiva91@gmail.com

Gustavo Cravo de Azevedo

Orcid: 0000-0003-2743-3503

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, Email: gustavo_cravo@hotmail.com

DOI: 10.21680/2596-0113.2026v9n1ID38888

Citation: Paiva, M. J. de, & Azevedo, G. C. de. (2029). *É pra falar de Gênero SIM. History of Education in Latin America - HistELA*, 9(1), e38888. Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/38888>

Conflito de interesses: Os autores declaram que não existem interesses concorrentes.

Editora: Olivia Moraes de Medeiros Neta

Received: 20/01/2025

Approved: 22/12/2025

OOPEN ACCESS

Resumo

Resenha do livro Bortolini, A. (2023). *É pra falar de Gênero SIM: Fundamentos legais e científicos da abordagem de questões de gênero na educação*. [s. n.] Brasília.

Palavras-chave: Gênero. Educação. Fundamentos.

Abstract

Review of the book *É pra falar de Gênero SIM: Fundamentos legais e científicos da abordagem de questões de gênero na educação*, by Bortolini, A. (2023). Brasília: [s. n.].

Keywords: Gender. Education. Foundations.

Alexandre Bortolini é um experiente pesquisador nesse cruzamento entre a questão de gênero e o campo da educação, logo o livro em questão é um estudo que comenta tal junção. Segundo o autor é em grande parte fruto de sua tese de doutorado, desenvolvida junto ao Departamento de Educação da USP, aprovada em 2022. O livro se divide em 5 capítulos, sendo bem didático em suas colocações.

O 1º capítulo, *Do kit gay ao banheiro unissex*, faz um panorama de um cenário político recente e de como ele afeta, e é afetado, pela questão educacional de gênero. Um marco em tal discussão é o ano de 2011 quando o Brasil assistiu uma polêmica em torno de um suposto material de conteúdo sexual, que estaria sendo distribuído pelo governo para as escolas. Nesse momento o pouco expressivo deputado federal Jair Bolsonaro denunciava na TV um suposto *Kit Gay* (Bortolini, 2023, p. 9), contudo o que ele chamava de *kit gay* era um conjunto de materiais produzidos dentro do projeto *Escola sem Homofobia*. Mesmo com especialistas desmentindo o deputado, a notícia correu. Logo, mais e mais parlamentares se declaravam, até por uma questão eleitoral, contra o material e que seriam supostos defensores de *valores tradicionais* e defensores da *família brasileira*; propositalmente colocada no singular. Usavam argumentos envolvendo sua suposta fé religiosa e mesmo uma visão biologizante simplista.

Em meio a tal crise política, o material terminou sendo vetado pelo Governo Dilma. Mesmo com o fim da polêmica no momento, esse fato consolidou uma vitória conservadora em tal cenário (Bortolini, 2023, p. 11). Aqui vale um comentário, mesmo Bortolini usando repetidamente conceitos como conservadores, reacionário e extrema direita esses termos são pouco explicados no livro, logo suas pesquisas poderiam se beneficiar de todo um aporte recente que trata da direita nacional contemporânea, aqui falamos dos trabalhos de Lynch & Cassimiro (2022), Rocha (2023), Empoli (2020), Jairo Nicolau (2020), Mark Lilla (2018) e, claro, aqui pensamos em nossos próprios trabalhos sobre o tema.

Desse momento em diante, vimos novas ofensivas da direita questionando o que eles chamavam de *Ideologia de Gênero*, defendendo um ordenamento social sexista e binário. Seguindo, em alguma medida, um discurso disseminado globalmente pela Igreja Católica desde os anos 90 (Bortolini, 2023, p. 15). Em certo momento foram postos em curso, por todo país, projetos de lei que propunham explicitamente vetar abordagens sobre esses conteúdos nas instituições de ensino, em qualquer lugar um político, para ganhar visibilidade, poderia propor um projeto de lei contra a tal ideologia de gênero; sendo uma das grandes figuras desse cenário o *Escola Sem Partido*, também inexpressivo em um primeiro momento, quando dizia combater a *doutrinação marxista*, mas que ganhou força quando se juntou ao combate do *espantalho* da ideologia de gênero (Bortolini, 2023, p. 19).

Aqui estamos falando, igualmente, de táticas *capilares* de intimidação que atingiram diretamente essa atuação de profissionais e escolas, empoderados por falsas informações há um quadro desses agentes conservadores que passaram ao assédio contra professores e instituições, com, por exemplo, notificações extrajudiciais, baseadas em um modelo existente no *site* do *Escola Sem Partido*; claro, essas notificações sem valor legal algum (Bortolini, 2023, p. 20). Sendo as redes sociais também um instrumento de intimidação contra os professores. Por isso, de um caso delimitado se tornou um *modus operandi*, que constitui um *terrorismo ideológico* (Bortolini, 2023, p. 22).

Nas eleições de 2018 essa questão também se mostrou importante, em que Bolsonaro, fazendo uso pioneiro de tecnologias digitais, disseminou mentiras sobre materiais que teriam conteúdo sexual, como a ideia de uma mamadeira em formato

de pênis (Bortolini, 2023, p. 23). Vale ler a análise de Jairo Nicolau (2020) para enriquecer tal discussão.

Tal eleição, de 2018, consagrou o retorno da extrema direita ao poder, e um corte de investimentos federais que tratavam de políticas educacionais de gênero e diversidade sexual (Bortolini, 2023, p. 24). Os efeitos de tal governo são duradouros, vale dizer.

O 2º capítulo, *Gênero: ideologia ou ciência?*, discute questões epistemológicas, de como houve um momento em que os saberes eram mais regidos pela religião, todavia mesmo depois de um advento científico, que tomou tal espaço, a ciência ainda foi marcada, por muito tempo, por concepções racistas, machistas, que catalogam como *doenças* os *desvio* ao caráter reprodutivo do sexo etc.

O século XX, então, marca um corte maior com esse tipo de ideia, em que há todo um papel da Antropologia nessa crítica. Noções antes vistas como de natureza, e de outros determinismos, foram perdendo espaço para análises mais culturais. Margaret Mead como uma pioneira nesse sentido, também dando Bortolini importância para os trabalhos de Fanon, Beauvoir, Sffioti, Foucault, Butler etc., em que o paradigma atual fala da questão da interseccionalidade. Tais reflexões críticas incomodam muita gente, porque pessoas e instituições em posição confortável de privilégio podem ver tais possíveis mudanças sociais desencadeadas como, enfim, ameaças. Aqui está falando que igreja, exército etc. formam um padrão que é comandado por homens, heterossexuais *and so on*.

O ponto central do autor é dizer que a discussão de gênero é um debate científico, e como é uma discussão que não afeta só as ciências humanas, afinal do mesmo modo que podem investir contra discussões históricas de gênero alguns também vão contra o ensino de evolução. Logo, também faz parte da ideia central que isso não é um debate ideológico. Aqui também poderia ser interessante explorar mais o próprio conceito de ideologia, talvez usar Žižek (2024).

O 3º capítulo, *Pra que serve falar de gênero na educação?*, possivelmente o capítulo mais interessante do livro, mostra uma série de estudos que discutem gênero, machismo, masculinidade, racismo, LGBTI+fobia nas escolas. Mostrando, exatamente, essa perspectiva de interseccionalidade.

As escolas possuem um papel na produção das noções de gênero, falando o autor em uma *tecnologia de gênero* existente nas escolas, apontando, em medida considerável, para o reforço de assimetrias e desigualdades (Bortolini, 2023, p. 97), mas se a escola pode ser espaço de tais desigualdades e exclusões, ela também pode ser lugar de reflexão e transformação, de problematização de racismo, sexismo, etc. (Bortolini, 2023, p. 101).

O capítulo 4, *Pode falar de gênero na escola?*, também é um capítulo de importância, ele mostra que há amplo aporte legal que legitima discussões de gênero em ambiente escolar.

Tratando no fim do capítulo de um caso muito relevante, em que vemos o STF, por unanimidade, declarar a inconstitucionalidade de uma lei municipal que vetava a discussão de gênero em escolas da Nova Gama, Goiás. No acórdão é afirmado que os municípios não possuem tal competência legislativa, e que tal iniciativa contribuiria para manutenção de discriminações (Bortolini, 2023, p. 122).

O 5º capítulo, *Falar de Gênero para (re)construir a democracia*, capítulo que fecha a obra, termina por revisar alguns pontos anteriormente colocados e faz algumas sugestões diante de tal cenário pedagógico adverso, como não ignorar os efeitos

negativos desses anos de mentiras e reacionarismo, estar seguro da legalidade que existe sobre essa possibilidade de se falar de gênero nas escolas, aponta novamente que essas discussões são científicas. Também discute como é importante formar redes de apoio com sindicatos, movimentos sociais, universidades, órgãos de defesa dos Direitos Humanos e mesmo aliados dentro das escolas (Bortolini, 2023, p. 128-129).

Há uma importância do diálogo, não só pelo fato de que a escola deve ser feita através do diálogo entre família e escola etc., mas também apontando que muitos responsáveis não conhecem essas legislações existentes, assim como ficam mais tranquilos quando compreendem que uma discussão sobre gênero não é uma discussão sobre dar *mamadeiras de pirocas* para suas crianças. É útil a conversa com a família, com os responsáveis, mas também deixando claro que os familiares não possuem o direito de determinar o que a escola ensina ou não, eles não possuem mais poderes que leis, Constituição, o acúmulo de produção científica em diferentes áreas etc. (Bortolini, 2023, p. 131).

O capítulo fecha dizendo que não há democracia sem o enfrentamento dessas mentalidades autoritárias, que tentam de diferentes formas proibir, censurar, ir contra os Direitos Humanos dentro das escolas. Porque enquanto não forem atacadas tais bases desse modelo colonial de sociedade, os *bolsonarismos* irão florescer.

Como em outros conceitos anteriores, o autor poderia ter apresentado melhor uma discussão sobre o que é democracia. O que, em termos de Ciência Política, poderia ter criado discussões com Bobbio (1994) ou outros autores que abordaram estudos sobre Qualidade da Democracia mais recentes.

De uma forma integral, o resultado final do livro é positivo. Bortolini apresenta uma série de informações, pesquisas e discussões de relevância, igualmente é um texto bem escrito e de fácil acesso; o fato do autor ter disponibilizado o material para leitura através de um formato gratuito e em PDF também contribui para uma vulgarização do tema proposto. Seu ponto negativo, porém, é que ao tratar de muitos temas e questões certos tópicos podem ter ficado *rasos*, como falamos, há todo um aporte teórico sobre a direita, ou outros conceitos usados no livro, que poderia ter ajudado o autor na hora de dar mais *caldo* para sua discussão. A própria definição do que é científico ou não parece vaga em termos de uma Filosofia da Ciência ou análise Epistemológica, por mais que entendamos que o que o autor quis fazer não foi uma longa discussão sobre o conceito de ciência, ou discussões metodológicas. Em suma, apenas para frisar, esse livro merece ser lido por pesquisadores e professores da rede de ensino.

Referências

- Bobbio, N. (1994). *Liberalismo e democracia*. São Paulo: Brasiliense.
- Bortolini, A. (2023). *É pra falar de gênero SIM: Fundamentos legais e científicos da abordagem de questões de gênero na educação*. [s.n.]. Brasília.
- Cassimiro, P. H., & Lynch, C. (2022). *O populismo reacionário: Ascensão e legado do bolsonarismo*. São Paulo: Contracorrente.
- Empoli, G. (2020). *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio.
- Lilla, M. (2018). *A mente naufragada*. Rio de Janeiro: Record.
- Nicolau, J. (2020). *O Brasil dobrou à direita*. Rio de Janeiro: Zahar.

Rocha, J. C. C. (2023). *Bolsonarismo: Da guerra cultural ao terrorismo doméstico*. São Paulo: Autêntica.

Žižek, S. (2024). *O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.